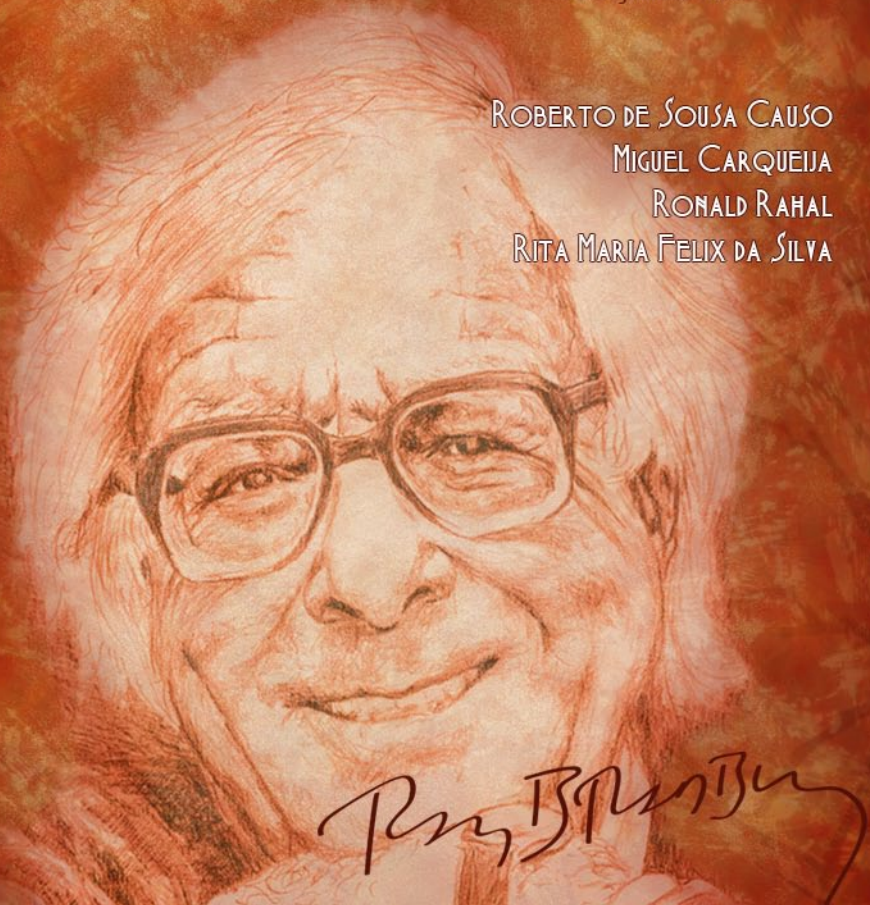




SOMNIUM

Nº 103 - Julho de 2012

ROBERTO DE SOUSA CAUSO
MIGUEL CARQUEIJA
RONALD RAHAL
RITA MARIA FELIX DA SILVA



ESPECIAL BRADBURY



ESPECIAL PRÊMIO ARGOS
CONHEÇA OS 5 INDICADOS NESTA EDIÇÃO



SOMNIUM

EDITORIAL

Atendendo a diversas solicitações, há cerca de dois meses, o CLFC retomou a publicação do Somnium, sua revista oficial. A resposta do fandom e dos leitores de modo geral foi imediata e gratificante. O número de acessos e downloads foi surpreendentemente alto nos primeiros dias, o que nos deu uma sensação de dever cumprido. Acredito que todos os envolvidos ficaram extremamente satisfeitos com a repercussão que essa publicação atingiu.

Recebemos diversos elogios, sugestões e críticas ao nosso trabalho. Essa participação do leitor é extremamente bem-vinda, pois é o único modo de sabermos onde estamos acertando e, principalmente, errando.

Passada a primeira publicação, onde compilamos o material que havia sido apresentado nos primeiros meses do Somnium em formato de blog, chegou a hora de começarmos a dar uma cara mais própria à nossa publicação.

Dessa vez, foram selecionados três contos. O experiente escritor Roberto de Sousa Causo apresenta uma história ao mesmo tempo bela e triste. Em O Bêbado de Pancada, vamos conhecer um boxeador em fim de carreira, amargurado e sem esperança. Sua vida toma um rumo inesperado após uma luta particularmente difícil.

O segundo trabalho que apresentamos é Ascensão Funcional, uma parceria do prolífico escritor Miguel Carqueija com o



novato Ronald Rahal. Essa é uma história de ficção científica clássica, com robôs mesclados à sociedade humana, num futuro não muito distante.

Em seguida, temos Castilho Insone, da talentosa Rita Maria Félix. Nesse conto curto, vemos a agonia de um homem cujo destino incerto está ligado ao futuro da Humanidade.

Infelizmente, nem tudo é festa e alegria nessa edição do Somnium. O começo do mês de junho nos trouxe a trágica notícia do falecimento de Ray Bradbury, dono de uma das mentes mais criativas que a literatura mundial já conheceu.

Abalados com essa notícia, vimo-nos forçados a mudar uma parte do planejamento dessa edição. Incluímos aqui uma pequena homenagem do CLFC a esse autor que inspirou e emocionou muitos dos nossos sócios. Para isso, reunimos um artigo escrito especialmente para o Somnium por Marcello Simão Branco, um dos sócios mais antigos do CLFC e coeditor do Anuário Brasileiro de Literatura Fantástica. A este artigo, juntamos os depoimentos de Álvaro Domingues e Daniel Vasconcelos Gomes, admiradores do trabalho de Bradbury. Por fim, recebemos a autorização do escritor e roteirista de quadrinhos J. M. de Matteis, responsável por obras-primas como Moonshadow e A Última Caçada de Kraven, para reproduzir um artigo publicado em sua página oficial na internet.

Gostaria de fazer um agradecimento especial a cada um dos nossos colaboradores. Os autores e sócios envolvidos nessa edição do Somnium gastaram parte do seu precioso tempo para nos disponibilizar seus trabalhos.

Sem mais perder tempo então, é com grande prazer que convido os leitores a virarem a página e mergulharem nas histórias a seguir. Espero que aproveitem a leitura e divirtam-se, assim como eu me diverti preparando essa edição.

Daniel Borba

Editor

Somnium – Edição 103, julho de 2012

Editor responsável: Daniel Borba

Capa e diagramação: Marcelo Bighetti

Colaboradores: Roberto de Sousa Causo
Miguel Carqueija
Ronald Rahal
Rita Maria Felix da Silva
Marcello Simão Branco
Álvaro Domingues
Daniel Vasconcelos Gomes
J. M. de Matteis

CLFC gestão 2011-2013

Presidente: Clinton Davisson Fialho – sócio n. 546 (Macaé- RJ)

Secretario-Executivo: OsameKinouche Filho – sócio n. 186 (Ribeirão Preto -SP)

Tesoureiro: Daniel Fusco Borba – sócio n. 547 (São Paulo – SP)

Webmaster: Fábio San Juan – sócio n. 465 (Piracicaba – SP)

Contatos: contato@clfc.com.br

www.clfc.com.br/somnium

ÍNDICE

CONTOS

- 7 O BÊBADO DE PANCADA, por Roberto de Sousa Causo
19 ASCENSÃO FUNCIONAL, por Miguel Carqueija/Ronald Rahal
31 CASTILHO INSONE, por Rita Maria Felix da Silva

ARTIGOS

- 35 ENTREVISTA COM LEONARDO BRUM
Clinton Davisson
- 40 ESPECIAL PRÊMIO ARGOS
- 42 **ESPECIAL BRADBURY**
- 43 O POETA HUMANISTA DA FICÇÃO CIENTÍFICA
Marcello Simão Branco
- 51 **DEPOIMENTOS**
- 52 por *Álvaro Domingues*
- 54 por *Daniel Vasconcelos Gomes*
- 56 por *J. M. de Matteis*
- 59 BIOGRAFIAS



RAY DOUGLAS BRADBURY

22 de agosto de 1920 – 5 de junho de 2012

Obrigado por seu legado...



© Bêbado de Pancada
Roberto de Sousa Causo

© Bêbado de Pancada

Roberto de Sousa Causo

A vitória do boxeador é ganha em sangue.

—Inscrição grega

Tento girar para a direita, mas ele me alcança com um gancho que explode forte em meu queixo. Sinto que estou cedendo para trás, que a mente entorpecida não sustenta mais o equilíbrio, e então anseio pelo apoio oscilante das cordas.

Mas elas me devolvem, numa inesperada traição, ao adversário. Ele coloca em meu queixo outro gancho curto de esquerda. Minha cabeça pula para cima como um coelho. Me encolho entre a segunda e a terceira corda, protegendo o rosto com os braços e as luvas.

Tenho medo neste instante, quando os golpes dele me sacodem, martelando fígado, baço e costelas, roubando, como piranhas que arrancam nacos de carne de um boi velho a cada mordida, um pouco mais do que me resta de ar e espírito.

O medo é mais forte que a dor. Medo antigo, que, em meus 38 anos, amargo conhecer há tempo demais. Meu fantasma é morrer no ringue.

Assustado, consigo por fim me mover. Com o corpo nas cordas, deslizo para a direita, para longe. E, outra vez, o gancho de esquerda me busca, mais leve que em outros momentos — só que estou cansado, a cabeça vibra e as luvas são halteres de chumbo em minhas mãos.

Tudo em volta se desvanece. Fica em meus olhos, por um segundo, a imagem do público se levantando automaticamente, feito um único organismo. A visão retorna um instante depois. O adversário me olha com júbilo, enquanto o árbitro o empurra para o *corner* neutro. Entendo que estou caído quando sinto a superfície áspera da lona contra as costas.

Peço a Deus mais uma vez, com fervor inesperado, para *não morrer no ringue*.

Me levanto rapidamente. O adversário se surpreende com minha assimilação — tanto quanto eu próprio. É como se eu tirasse de mim um segundo fôlego. Dou pequenos saltos e levanto os punhos para mostrar que está tudo bem ao árbitro, que, diante de mim, faz a contagem protetora.

Ele manda prosseguir a luta. O garoto que estou enfrentando recompõe a guarda e vem para mim, jovem e lépido, com tudo o que faz um homem funcionando em sua plenitude. Eu respiro, controlo a dor e passo a girar em torno dele, um pêndulo que oscila no eixo de seus *jabs*. Os socos apenas resvalam em minha cabeça. Procuro golpeá-lo, mas não tenho a envergadura necessária para chegar até ele sem me expor a um contragolpe. Giro, recuo, bloqueio e provooco o *clinche*. Eu fujo.

Soa a campainha e eu ando até meu *corner*. Fico em pé, para mostrar ao rapaz no canto oposto que ainda tenho pernas e pulmões. É a estratégia que escolhemos, eu e Armando, que me atende de fora do ringue, por entre as cordas.

— Mantenha a distância. Mantenha a distância — é tudo o que vem dele como orientação.

Eu o odeio. *Ele* fez isto comigo. Me levou à Argentina, Uruguai, Panamá e México, numa excursão de seis meses, nos quais fiz sete lutas, todas contra pugilistas mais bem preparados. Ainda assim fui capaz de vencer um e empatar com outro, numa espécie de grito derradeiro de leão velho.

Foi com o argumento da idade que Armando me convenceu a essa aventura. “Você está ficando velho, Pedro. Essa é sua última chance de fazer algum dinheiro antes de se aposentar. Vamos para o exterior, ganhar em dólar.” Mas a que preço? Três nocautes consecutivos em dois meses... Tudo bem se a grana tivesse bastando, mas os dólares parcamente cobriram as despesas.

Bem, eu aceitei, não foi? *Eu* fui o estúpido. Não adianta cul-

par Armando nem ninguém. Não por isso. Só a dor de cabeça... o jeito de falar como se tivesse espuma de pasta de dente na boca o tempo todo. Ele tinha que ter cuidado de mim. Todo treinador tem que cuidar dos seus lutadores, não é?

Meu olhar vaga, enquanto puxo o fôlego em pé no meu canto, e capta a loura que carrega o número dos *rounds* — uma ideia inspirada das noitadas de boxe dos Estados Unidos, que o Brasil aprendeu a ver pela TV. E a moça não fica nada a dever às louras americanas. Caminha como uma potranca pelo ringue, num traje mínimo, arrancando da platéia gritos e assovios. Levanta bem alto o cartão com o número dez — o último assalto.

Caminho para o oponente, sabendo que terminarei a luta em pé. O garoto, por sua vez, nada tem com que se preocupar.

Sou agora apenas mais um bêbado-de-pancada.

— Você lutou bem, Pedro.

Não me dou ao trabalho de encarar Armando. Quando perco, prefiro sempre o vestiário em silêncio. Condiz mais com a humilhação.

— Por que você não vai sem mim, Armando? Vou descansar um pouco mais — eu digo.

— Eles fecham depois da meia-noite...

— Eu saio antes.

Estou deitado na maca, um braço cobrindo o rosto. Ouço a porta bater quando Armando finalmente sai, e então fico livre para chorar. Sinto-me vazio e impotente, em harmonia com o vestiário.

Me sento na maca. O espelho na parede, diante do qual horas antes eu fiz sombra como aquecimento para a luta, mostra um homem miúdo, com um rosto negro enrugado, nariz achatado,

o supercílio inchado do lado direito e um corte abaixo do olho, onde a pele é fina sobre a maçã do rosto. Me levanto e caminho até as minhas coisas. Tudo o que me envolve é apenas derrota e solidão, agora embaladas pela velha dor que se irradia em ondas da cabeça para o corpo todo, tornando braços e mãos trêmulos. Estranhamente, ela é mais minha companheira que inimiga neste momento — a única coisa se interpondo ao vazio pastoso da melancolia.

Visto as roupas e guardo o material na bolsa, as luvas Olímpíadas por cima da toalha branca manchada de sangue. Ponho os óculos de grau, que até ajudam a disfarçar os machucados e a suavizar meus traços.

Deixo o vestiário. O corredor está escuro, nem me lembro em que direção é a saída. Terei de tatear com as mãos trêmulas pela parede oleada até um portão trancado? Não, há uma luz no fim do corredor.

Também um vulto em pé, na luz. Enquanto me aproximo percebo que é uma mulher, tranqüilamente apoiada na parede, como se me esperasse. É a moça que apresentava os *rounds*.

Veste *jeans* apertados e camiseta branca. Não usa sutiã e posso ver os mamilos como uma sombra cor de carne por baixo do tecido. Paro diante dela.

— Achei que esta noite ia querer mãos suaves para tratar seus ferimentos — ela diz.

Continuo parado diante dela. Esse tipo de coisa não acontece comigo.

— Sou de Guarulhos e perdi o último ônibus — ela explica.
— Preciso de um lugar pra dormir.

— Ah, tudo bem. — Parece haver uma lógica imperturbável no que diz, capaz de penetrar a cortina nebulosa da minha mente.
— Pode vir.

Mas é ela quem mostra o caminho. O porteiro fecha o clube assim que saímos. Meu velho Corcel é o único carro estacionado

no meio-fio. Puxo as chaves do bolso e aponto uma delas para a fechadura da porta, tentando controlar o tremor da mão. Em meio segundo percebo que não vou conseguir.

— Você dirige?— pergunto à moça. — Se importa?

— Não. Deixe comigo.

Ela abre, entra e me deixa subir pelo outro lado.

— Eu vou te orientando.

— Certo. — Ela dá a partida e sai.

O movimento é nulo àquela hora, naquele bairro, mesmo numa noite de sábado. Rodamos por uns trinta minutos, o silêncio sendo quebrado apenas por minhas frases lacônicas, dizendo a ela para onde ir. Erro o caminho. A cabeça está embaralhada, as ruas desoladas não parecem ter o mesmo traçado. Sem as pessoas e os carros, são como uma maquete de papelão vista pelos olhos de uma formiga — ou barata. Quem?... Kafka. Sim. Solto uma risadinha.

A loura se volta um instante para mim.

— Por que não me fala um pouco de você? — pergunta.

A risada fez a dor de cabeça piorar, ao que parece. Faço uma careta, cubro os olhos com as mãos, e respondo:

— Pedro Ferreira. Trinta e nove anos daqui a três meses. Pessoa-pena. Quarenta e uma lutas, onze vitórias, dois empates e vinte e oito derrotas. Dono de banca de revistas, quando não estão fazendo pizza da minha cara em cima de um ringue.

Não vem qualquer resposta da garota dos *rounds*. O silêncio me incomoda, subitamente. A moça não merece ser alvo da minha autopiedade.

— Desculpe. Não quis ser grosso com você. Foi um mau dia...

Ela nada diz. O rosto, voltado firme para a frente, tem um quê de menina, em oposição à maturidade do corpo. Os seios

livres sob a camiseta balançam suaves cada vez que a suspensão ruim do Corcel reage às ruas esburacadas de São Paulo. Suas pernas se movem rijas e sinuosas enquanto pisam os pedais.

— Como é que uma moça como você foi parar naquele ringue sujo? Deveria estar nas páginas de revistas masculinas. Elas pagam em dólar, não é?

— É, bem, eu estou começando, me mostrando por aí. A luta foi num clube. Eu achei que algumas pessoas importantes poderiam estar assistindo. Promotores de eventos, gente da televisão, esse tipo.

— E você ficou lá até mais tarde tentando algo com eles, e não deu certo.

Ela não responde. O rosto está concentrado na direção, e eu me sinto, além de perdedor, também um canalha. Mas não vale a pena pedir desculpas outra vez.

Afinal chegamos ao sobradinho onde vivo, tendo a banca de revistas no térreo. A moça estaciona o Corcel na frente, e saímos. Ao passar diante da porta de metal da banca sinto o cheiro de urina — de madrugada os moleques urinam na fechadura.

Na portinha que dá para a escadaria do sobrado ela me mostra o molho de chaves para que eu escolha. Eu o faço com constrangimento. Subimos os degraus iluminados por uma fraca lâmpada amarelada. Uma vez mais escolho a chave e ela abre a porta. A mão está firme o bastante, contudo, para que eu aperte o interruptor e ilumine a sala.

A moça entra e corre o olhar pelas estantes que ocultam as paredes. Tenho livros de todos os gêneros e tamanhos, a maior parte edições baratas, vendidas em bancas.

— Quantos livros!

— Eu gosto de ler. Mas não ache que sou um intelectual. Parei na sétima série.

Vou para o quarto. Ela me acompanha. É um cômodo sem

muito espaço, com janelas dando para a rua, um armário com a porta solta, caixotes de livros e revistas em quadrinhos empilhados, feito condomínio de baratas.

— Fique à vontade — falo à garota dos *rounds*. — Você vai dormir aqui. Deve ter algo na geladeira, se tiver fome ou quiser beber alguma coisa. Só cerveja. Eu vou tomar um banho.

O banheiro é contíguo ao quarto. Entro, sem olhar para o espelho. Já havia tomado um banho no vestiário, mas há algo obsceno nos ferimentos causados pelas mãos de outro homem e nos suores que se misturam durante os *clinchês*, que só um banho quente e demorado pode lavar. Mergulho o rosto no jato do chuveiro, deixando a água envelopar a dor numa atmosfera vaporosa e sedante.

Passa o tempo ao fluxo da água que lentamente vai distendendo meus músculos. Lembro de uma seqüência de *Rocky, Um Lutador* — Rocky e Adrian no rinque de patinação; ele lhe conta como se sente um boxeador depois de uma luta: como um ferimento tamanho gigante.

Me enxugo com lentidão, as mãos ainda tremendo. Enrolo a toalha na cintura e penso em dar uma espiada no quarto, esperando que a moça esteja na cozinha e eu possa fechar a porta e pegar roupas limpas no armário.

Vejo-a nua perto da janela, encostada nos caixotes e olhando para fora.

A cama de casal oculta seus pés e tornozelos, e por um momento eu misturo tudo e penso ser Magda, em pé, parada ali. Mas que tolice... Magda me largou há seis anos, deixando apenas a cama como memória de oito anos de casamento — o máximo que ela suportou vivendo com um perdedor. Além disso, não existe semelhança entre as duas mulheres.

A luz das lâmpadas vem até a garota dos *rounds* como uma película que a cobre com reflexos dourados e sombras tênues, valorizando formas e volumes. Ela é algo sobre-humano àquela

iluminação. Nada real, antes saído da penumbra da mente, como um exercício de desejo com proporções divinas, do tipo que se vê em ensaios fotográficos na *Playboy* ou em cenas do cinema. Sua simples presença transforma o quarto apertado e gasto servindo de depósito de livros e revistas usadas e o torna bonito, ornamentado de significados que a cercam com uma moldura feita de minhas lembranças.

—Venha. Foi um dia ruim para nós dois. Você precisa de suavidade, que eu tenho pra oferecer.

Vou até ela, perplexo, mas um piloto-automático em mim assume meus movimentos e minha vontade. Eu a toco e acaricio. É mais alta e, talvez, mais pesada que eu, mas o calor morno de seu corpo dissolve as diferenças e os constrangimentos, e eu mergulho em sua maciez e lisura e provo o sabor levemente salgado de sua pele, esquecendo-me das dores e tremores, da idade e da solidão, das derrotas.

Ela reage e vibra sob mim, o rosto ambíguo alternando a menina e a mulher, o corpo um colchão de carne onde minhas proporções de peso-pena se perdem, abraçadas por braços e pernas cuja pele é um cetim opaco que ainda reflete, leve, as luzes e o desejo. Ela me guia para dentro dela, onde encontrou outra dimensão, a suavidade prometida. E, Deus, como preciso disto. Que falta faz; e eu a sinto em contraste aos calos em minhas mãos doloridas e os músculos duros e a pele áspera — toda uma casca de rudez que me cobre, que me isola. Recuo e quase me arranco dela porque preciso saber algo que, pela primeira vez, me parece único e crucial:

— Estou sendo *gentil* com você? Não quero te magoar. Estou sendo gentil?

— Sim, sim. Mas não pare.

Estamos perto. Então tudo o que sou, a casca, o homem e as memórias, se dissolve no orgasmo, numa cócega límpida dentro de mim como se eu ejetasse uma rajada de pérolas para dentro dela.

Tudo o que sou escorre como um resíduo sobre ela, que respira indiferente ao meu peso.

Tudo, exceto a dor.

Posso ver-me de joelhos na cama, o roupão, o calção e as luvas pousadas no lençol. Uno as mãos num só punho de dedos entrelaçados, e posso também ouvir minha voz pedindo num sussurro:

— *Não me deixe morrer no ringue.*

A prece feita na noite anterior à luta. As dores de cabeça me assaltavam e, como nunca, senti o quanto havia perdido. Podia morrer, eu sabia, mas tudo o que importava era sobreviver à humilhação da morte pública. Ou poupar ao boxe essa marca. Me destruí no esporte, mas ainda o amo.

Isto é um sonho? Minha imagem insiste no apelo — não morrer no ringue —, vezes sem conta. Tudo em redor é povoado por formas geométricas cambiantes e vórtices de luz, e sei que estou tenso no sono, quando me lembro que, em criança, costumava apertar os olhos com os dedos para produzir exatamente esse caleidoscópio. E então percebo que as palavras repetidas fluem da boca sob a forma de gomos de luz branca que iluminam o sonho em preto e branco, afugentando a tempestade espectral das ilusões e fundindo-se mais à frente num globo radiante.

O que devo temer? Sinto o temor mas não conheço seu objeto, embora haja alguém mais no quarto. Uma imagem que se aviva também em luz, mas uma luminosidade palpável, colorida, carnal de uma mulher nua que caminha para a cama e toma em suas mãos o produto vivo de minha vontade — e o aceita.

O globo se esvai em seu abraço.

Acordo de repente. Me sento na cama, saindo do sono para a vigília num único golpe.

Ela está olhando para mim, também sentada, calma, séria, uma leve constrição em seus lábios. Apenas me olha, e eu vejo em seus olhos azuis uma profundidade abissal.

— Você é a morte? — pergunto, quase rindo do absurdo e do medo que enfim localiza sua fonte. — Se for, tem muito mais carne que a velha senhora com o alfanje —brinco.

Mas ela não ri, nem sorri, apenas olha e perpassa um laivo de dor ou pena ou simpatia por seu rosto. E eu entendo.

— Fui atendido, não? Pedi e... seja lá quem for, aceitou minhas orações. Não morri no ringue, mas... tem coisas pelas quais se tem de responder. — Toco a fronte com a mão. — Tanto dano, tantos pedaços do cérebro que não funcionam mais. Tanto tempo. Um monte de decisões erradas, de excesso de confiança, só isso. A gente se queima, pensa que o desgaste de hoje não vai fazer diferença amanhã, só isso. Mas é por isso que se paga. É esse o motivo de você estar aqui? Me dizer que a bateria acabou? Que a ferrugem e a vibração corroeram o motor?

Ela sacode a cabeça.

— Não — diz. — Tanto as folhas secas quanto os frutos maduros caem dos mesmos galhos das mesmas árvores. É tudo um só caminho. — Ela se estende para mim e me toca.

— Como vai ser? — pergunto.

— Como foi — ela responde e sorri. — Você gostou? Venha...

Sim. Entrego-me a ela, que, para o meu tato, olfato, paladar — e alma —, é real, com tudo o que faz uma mulher funcionando em sua plenitude.

O prazer vem rápido, duplamente intenso. Ela se abre ao meu avanço; sem recuar, apenas me recebe e envolve. Quem sou eu? Pedro Ferreira ou ela, a garota dos rounds, sem nome, vinda de

um sonho? Ou ambos? Meu pênis é uma ligação estrutural nela, certa parte que se prende e se funde e se abriga. E se transforma. E me transforma.

Estamos perto. Eu olho para ela, e me agrada ver outra vez a alternância menina-mulher em seu rosto, e sentir seus cheiros, tocar sua suavidade. Sei que ela está gostando, mas não posso culpá-la pelo orgasmo no instante do meu fim.

E enquanto vem o meu, penso que talvez algo tenha mesmo se rompido em minha mente, e tudo seja um delírio, a alucinação de um bêbado-de-pancada. Mas o gozo é bom e forte; me faz acreditar antes que me foi dado o que pedi, e um anjo feito mulher vem me mostrar o caminho pelo corredor até o inevitável.

E dentro dela me despeço.

Sem dor.

“O Bêbado de Pancada” © 1993, 1999 by Roberto de Sousa Causo. Primeira aparição em Playboy de Abril de 1993, como “A Moça que Veio Depois do Último Round”. Editora Abril, São Paulo. Segunda aparição em “A Dança das Sombras” (Caminho Editorial, 1999)



Ascensão Funcional
Miguel Carqueija & Ronald Rahal

Ascensão Funcional

Miguel Carqueija & Ronald Rahal

Observo silenciosamente a relva do jardim. Ela é verde...

Assim como as árvores, de grandes copas, que ostentam folhas verdes. Tal como a gameleira grande no fim do quintal, habitada por pássaros que em parte de seus pequenos corpos, apresentam penas verdes também.

Agora uma mosca verde esvoaça diante de meus olhos eletrônicos.

Num gesto pouco robótico, ergo a mão esquerda e contemplo-a por breves instantes. A mão é amarela. Assim a vejo, porque a constituição dos materiais que me compõem absorvem todos os comprimentos de ondas refletindo apenas esta faixa da luz visível.

Meu cronômetro interno me informa que transcorreram alguns segundos nessa contemplação aparentemente ilógica. O tempo não deve ser desperdiçado. Meus circuitos, que estão conectados à única parte semiorgânica de meu corpo, voltam a funcionar normalmente quando atravesso o jardim em direção à floresta de espelhos solares. Eles obedecem às diretrizes de um programa feito especialmente para coordenar uma infinidade de funções no interior da estrutura que me abriga, liberando-me para reagir aos estímulos externos. Assim posso me ocupar com outras tarefas à medida que os sensores captam os dados do meio ambiente. Uma delas é a manutenção diária do que é vulgarmente denominado floresta, uma grosseira analogia com o conjunto real de plantas imensas que se distribuem pela superfície da Terra para capturar a luz solar e se sustentarem.

Procuo empurrar para o meu subconsciente — se é que essa é a definição correta desta voz interior que dialoga comigo — o pensamento que me flutua insistentemente. A matriz que me construiu diagnosticaria este complicado fluxo físico-químico de picos elétricos aleatórios como um desvio funcional em meus

circuitos. O alcance da completa autonomia é uma coisa normal num protótipo como eu e não deve trazer em si nenhuma espécie de angústia. Isto é comportamento humano dizem meus colegas da série mais antiga. Eles, – os humanos - feitos de carne e osso, não passam às vezes de feixes de emoções. Um autômato é frio como o metal que forma a maior parte do seu corpo. Sem sonhos. Sem angustias. Mas eu não sou inteiramente metal. Meu processador neurotrônico compõe-se de células vivas, cultivadas em laboratório. O que me torna mais próximo dos seres orgânicos.

A tarefa que me foi dada é a de manter a floresta de espelhos funcional. Através dela se dá à acumulação da energia solar que armazenada durante o dia, é, primordial para o próprio funcionamento da Cidade. A transferência é efetuada durante a noite, e no dia seguinte os espelhos prosseguem seu trabalho. Um parafuso não pode estar fora do seu lugar e por isso eu deveria me considerar satisfeito por exercer função tão importante para a vida dos humanos e das máquinas que os servem, entre elas a da matriz que me construiu e todos os meus irmãos robôs. Por sermos máquinas não temos autonomia suficiente. Ainda estamos subordinados aos técnicos humanos no tocante à tomada de decisões. Mas meus processadores indicam que meu teste mudara esse quadro.

Já se escoaram quatorze anos desde que eu deixei a instalação onde fui construído. Ela é chamada de Portão Estelar. Ainda não compreendi a razão deste nome. Mas porque acesso tais dados?

A metalurgia e a eletrônica se combinam maravilhosamente para o funcionamento da floresta de espelhos. A vigilância robótica é completada por uma miríade de pequenas máquinas automáticas. Mas eu serei o primeiro a coordená-las sem a interferência humana, subordinando-as a mim.

Às vezes penso no que teria sido se não tivesse existido um homem chamado Isaac Asimov. A sua Saga dos Robôs, escrita no século XX — coleção interminável de contos e novelas — como que preparou a mente humana para a nossa realidade, que chegava. Assim é que as famosas Três Leis de Robótica vieram a serem

adotadas na prática:

I) Um robô não pode causar dano a um ser humano ou, por omissão, permitir que ele sofra algum dano;

II) Um robô deve obedecer a um ser humano, a menos que essa obediência entre em choque com a Primeira Lei;

III) Um robô deve zelar pela própria sobrevivência, a menos que isso entre em choque com a Primeira e a Segunda Lei.

Só que a humanidade real, sendo muito complicada, achou que essas três leis eram poucas e acrescentou outras que variavam conforme a máquina fabricada. Uma das mais comuns é a que impõe proteção aos animais domésticos. Outra estabelece o desejo — vagamente emotivo — de aperfeiçoamento pelo aprendizado. Uma espécie de ascensão social robótica, ainda longe da realidade. Pelo menos até agora.

Naquele dia o sol projetava o seu calor inclemente de trinta e cinco graus Celsius. Meus sensores mensuravam a temperatura ambiente, de modo que eu nunca precisava consultar termômetros como os humanos. Em dias nublados ou chuvosos o aproveitamento da energia térmica era muito baixo; o que era contrabalançado pelos dias ensolarados que permitiam o aumento da reserva disponível de energia. Esta nova estratégia passara a ser adotada desde que as usinas nucleares, por serem excessivamente perigosas, foram banidas. Tornara-se imperativo não só o uso da energia solar como a de outras fontes alternativas, que podiam ser obtidas da força eólica, das marés e da atividade termal de origem vulcânica.

Demorou muito para a humanidade descobrir que o Sol é a fonte mais esplendorosa de energia que se pode utilizar. As reações termonucleares processadas em seu interior produzem um fluxo de energia tão fantástico que se faz sentir a cento e cinquenta milhões de quilômetros aqui na Terra, e até mesmo para além dos limites do sistema solar, na região do cinturão de Kuiper, atingindo 100 UA numa vasta concha denominada Heliosfera.

Tal extensão inimaginável para cérebros orgânicos, não os fazem refletirem que a proximidade de tal poder - o bastante para manter a complexa biologia terrestre - pode provocar carcinoma de pele e cegar quem o fite diretamente (exceto se for um autômato como eu, que dispõe de filtros bloqueadores nos sensores visuais).

Já a energia nuclear provocada pela fissão de um átomo instável, ao contrário da solar, pela fusão de dois átomos, era extremamente perigosa e pouco prática por causa das radiações letais e das complexas medidas de segurança que muitas vezes se revelavam inapropriadas como ficara demonstrado pelas tragédias de Chernobyl, Fukushima e a da rede nuclear da costa chinesa que ceifou a vida de mais de um milhão de pessoas. Mas um robô não poder ser nostálgico. Tal reação de perplexidade como definem os robôs da série mais antiga, é coisa de humanos.

No fim do dia eu me dirigi como de hábito, ao Centro de Processamento de Dados da estação, a fim de digitar o meu relatório diário. Ao deslizar pela rampa ascendente deparo com uma moça que, descendo, se dirige a mim com um sorriso:

— Alô, Jenkins. Como foi o seu dia hoje?

O meu nome vem de um dos mais famosos autômatos da ficção, o personagem central do romance “Cidade”, de Clifford D. Simak. Encaro a moça que é uma das poucas pessoas amigas que encontro no gênero humano, já que me trata como semelhante:

— Obrigado pela preocupação. Posso dizer que foi muito tranquilo. Mas no momento o maior problema que encontro limita-se aos dejetos fecais dos passarinhos.

Ela ri com graça. Sinto às vezes, diante de tais manifestações, algo parecido com o que os humanos chamam de inveja. Robôs não são programados para rir ou sequer sorrir. Isto é coisa de humanos. É o que os da série antiga sempre dizem.

— Será que as andorinhas são tão numerosas que possam interromper o nosso fornecimento de energia?

— Não creio — respondo com afetada seriedade. — Só que a limpeza deve ser contínua, pois o acúmulo de resíduos é const...
— Ela me interrompe.

— Estamos tendo uma visita importante hoje. Capek... Ouviu falar nele? Está lá em cima. Vá vê-lo. Você pode aprender muito, já que foi ele que o projetou.

Lola — este é seu nome humano — se despede e desce. Ela, mais do que ninguém, conhece todos os detalhes do meu atual estágio de desenvolvimento neurotrônico. Sabe que me encontro no estágio dois, de um total de três, no rumo da autonomia total, na qual cessa qualquer subordinação a humanos, ou a qualquer máquina por eles criada. Ainda sou a “mula mecânica”, um termo coloquial que costumam utilizar para definir este estágio (já que o processo que afere minha autonomia paradoxalmente é realizado por uma inteligência artificial sobre a qual estou figurativamente “montado”, antes de dispensá-la).

Se eu tivesse um coração, ele estaria disparando diante desta perspectiva de emancipação. E a minha atual situação me faz acessar um nome: Capek.

Muita gente não se lembra, mas foi o tcheco Karel Capek, antes de Asimov e Simak, o escritor que deu início à saga dos robôs, com a peça “R.U.R. — comédia utópica em três atos e um prólogo” (década de 1920). Os robôs são muito gratos a esses três homens que influenciaram a humanidade no sentido de fabricá-los e humanizá-los.

Entretanto esse Capek é o nome humano dado a um robô. Um emancipado total — na verdade, um dos poucos da série antiga que atingiram o estágio final três. Por isso mesmo, uma figura lendária. O que estaria fazendo aqui? Lógico, viera provavelmente visitar a floresta de espelhos, cuja importância era inestimável.

Entrei na sala. Naquele momento Capek estava sozinho e procedia a uma varredura através dos controles no interior do braço direito. Parei e observei-o, sem coragem de falar. Afinal, tratava-se de um autômato muito especial. Meu pai e por tabela,

minha mãe, se fosse utilizar os conceitos humanos.

— Eis o zelador da floresta. — afirmou, sem se voltar. Seu sensor já havia identificado o meu, sem necessidade de identificação visual, como era comum entre nós.

— Correto. E você é Capek. Meu idealizador.

Era uma afirmação, seguida por outra, talvez até desnecessárias, que mais seguiam o protocolo humano do que a prática silenciosa da identificação entre máquinas.

Capek continuou sua revisão. Podia dar atenção a duas coisas ao mesmo tempo, sem maior dificuldade.

— E seu nome é... Jenkins.

— Eu sei que sabe mais a meu respeito do que eu sobre você, Capek.

— Sei mesmo tudo sobre você Jenkins. Você é especial. O primeiro projetado por outro robô. O primeiro com um processador biológico.

— É uma honra tê-lo aqui. – disse eu.

Ele ignora o elogio. Vira-se finalmente para mim.

— Amanhã visitarei a área dos espelhos para avaliar a tarefa que lhe foi designada.

A blindagem que envolve seu intelecto é de um verde pastel, infinitamente belo. Os materiais absorvem as demais cores e refletem esta, do estágio final do emancipado. Uma suave luz verde irradia de toda a sua estrutura humanóide. Apenas ligeiramente diferenciada pelos seus magníficos olhos de esmeralda. Quase todo o seu corpo é verde. Verde... Verde...

Por que teriam escolhido um material que refletia essa cor para o mais alto grau da hierarquia robótica? Por alguma razão, meus circuitos formulam essa pergunta a Capek, e ele dá uma resposta inesperada:

— Nós, robôs, representamos o ápice de uma civilização ex-

tremamente tecnológica, sofisticada. Quem teve essa ideia quis fazer uma espécie de compensação à Mãe Natureza... Um retorno ao verde no plano mais avançado da técnica. Ridículo, não acha?

Espanto-me — tanto quanto pode um robô — com o espírito de Capek. Ignorava a informação que ele acaba de me passar. Concordo, porém, com ele.

Capek prossegue:

— Desejo que você me explique em minúcias o funcionamento da floresta de espelhos. É um assunto que me interessa muito, além das razões que já declinei.

— Terei prazer em fazê-lo.

— A energia é um assunto vital, Jenkins. Você viu os sofrês * que voam aí fora?

Fiz um meneio de cabeça, como os humanos costumam fazer em sinal de concordância, e ele prosseguiu.

— Já pensou como se explica que uma ave possa voar? Afinal ela pesa mais do que o ar.

Onde ele queria chegar?

— Mas a mecânica do voo já está perfeitamente equacionada...

— Eu sei. Mas o nhandú e o avestruz já não são capazes de voar. Oh, claro, você pode falar em aerodinâmica, no pequeno peso relativo das aves, mas e o caso do besouro, com seus apêndices incômodos? A primeira explicação para o movimento é energia. A vida para ter existência precisa de sua própria energia. E à medida que se torna complexa requer mais energia. Entre um exemplar do Domínio Archea e de um procarionte como o homem, a diferença de consumo de energia é abissal. E o nível de consumo de energia que a civilização deste século atingiu supera o de todos os séculos anteriores. Computo que a tendência é de aumento da demanda.

— Concordo.

— Mas se uma civilização se expandiu tanto quanto a moderna humanidade o fez, é lógico que precisará selecionar as formas de energia que utiliza, de maneira a não desfaltar o meio ambiente de seus elementos vitais. Acabar com a cobertura vegetal, por exemplo, é maneira suicida e efêmera de produzir energia.

— Daí que a energia solar, como forma preferencial, é a solução mais adequada — prosseguiu ele. — A energia atômica houve por bem ser descartada, pela ameaça que representava de destruição global, em termos mediatos ou imediatos. Outras formas, como a energia das marés, são complementos necessários. Mas o principal é adequar constantemente a utilização da energia solar às necessidades da civilização. Já pensou Jenkins, que, se a carência energética da humanidade aumentar desproporcionalmente em relação à disponibilidade, os robôs poderão ser considerados um bem supérfluo e, portanto, dispensável? Nós consumimos uma grande parcela de energia e os homens viveram por milênios sem precisar de nossa ajuda. Pense nisso. Agora pretendo mudar isso e ir mais além. Provar que um de nós pode representar a própria raça humana quando o momento chegar.

Nunca fizera, de fato, tais relações. Capek tinha razão. Se um dia representássemos um fardo pesado, poderíamos ser desligados como lastro supérfluo. Algo que poderia acontecer se as florestas de espelhos, por exemplo, perdessem a sua eficácia. Um pensamento deveras desagradável. Mas representar a raça humana...

Passaram-se muitos anos. Curiosamente, o que me ficou com mais nitidez nos circuitos de memória foi essa estranha conversa da véspera, bem mais que a demorada visita à floresta. Lembrou-me de ter mostrado a Capek os tubos de polipropileno, por onde corria água aquecida pelos raios solares, que acionava as nossas turbinas. Mostrei-lhe os espelhos de aço macromolecular que se movimentam lentamente, em tropismo vegetal pela luz do astro-

-rei. Ele pediu explicações minuciosíssimas e por fim observou:

— É um trabalho maravilhoso e você é muito dedicado, Jenkins. Só lhe falta uma coisa: aperfeiçoar o sistema. Sabe? Eu vivo em conferências e não disponho de muito tempo. Sou como Touro Sentado no espetáculo de Búfalo Bill: uma curiosidade. Uma nostálgica lembrança de um passado que já se foi. Senão, eu me dedicaria a esse problema. Creio que a energia solar pode render mais. A questão é descobrir o processo adequado. A propósito, você leu sobre as teorias de David Bohm?

— Quem?

— David Bohm. Sobre a difusão de um campo de plasma com base no campo eletromagnético. Se conseguirmos um dia alcançá-la, a fusão estará a um passo de se tornar realidade. É fácil encontrar os livros digitais dele. Enviarei um pelo receptor de textos eletrônicos. Talvez lhe dê alguma luz em outro campo que não seja a fusão. A meu ver os robôs devem estudar e pesquisar. É a nossa maneira de impor respeito.

Comecei a ler David Bohm e a ideia que passou a me perseguir obsessivamente foi essa: intensificar a captura da energia solar. Mas como? Ora, pelos fótons! Afinal a luz é a combinação de sete comprimentos de ondas. E a faixa violeta é a mais próxima do segmento invisível que contém novo patamar energético. A captação filtrada aumentaria a capacidade de armazenamento de espelhos mais sofisticados. Bohm dizia: “Os físicos de hoje (referia-se ao século XX) concluem que toda a base conceitual da Física deve ser considerada como completamente inadequada”. Então por que não se poderia “espremer” mais um pouco as fontes energéticas, antes de concluir que já se tirava delas o possível? O desafio ocupou meus circuitos de tal maneira que trabalhei freneticamente para concretizá-lo.

Foi assim que tudo começou. Foram anos de luta, de enfrentamento de preconceitos. Até conseguir doutorar-me em Harvard — primeiro robô a conseguir esse feito — muita água aquecida correu pelos dutos de polipropileno, mas afinal o desdobramen-

to espectral triunfou, aumentando em sete vezes a energia obtida com a radiação solar. Isso e mais a cerâmica supercondutora, além de outros reforços energéticos, produziram uma superabundância de energia à disposição do mundo. O que deu tempo a nós, robôs, de cimentar com mais calma a espinhosa questão dos direitos civis, afastando o que teria sido o pretexto mais imediato contra a nossa existência. Que um autômato tenha sido o descobridor dessa nova fonte pesou muito na balança. Não seríamos presas tão ingênuas como o foram os índios do Novo Mundo. Eu, um pouco sem se dar conta, preenchi uma etapa importante ao subir de simples robô emancipado para cientista. Mas como pretendia Capek, a intenção não era só a de mostrar nossa utilidade e a falta que faríamos.

Essa não é somente a história da luta dos robôs pela sua afirmação. É apenas a história de como uma pequena conversa alterou o meu destino e, de certa forma, o destino do mundo.

Fito por um instante os meus dedos verdes, enquanto penso nas palavras do desfecho. Que extraordinária visão teve Capek, naquele dia tão longínquo em que falou comigo, quando aparentemente me confiou uma missão! Curiosamente, já não valorizo mais o verde que hoje minha blindagem reflete. As palavras que eu não tinha entendido completamente naquele primeiro contato com Capek agora faziam todo sentido. Por isso me dissera que eu era especial. O primeiro, de muitos que viriam depois.

Lembrei-me da instalação chamada de Portão Estelar, onde fui construído. Por isso tinham lhe dado este nome que remetia ao imaginário humano de uma porta aberta para o Cosmos.

Eu era realmente o primeiro robô que podia pensar graças a uma mescla de tecido vivo e nano-circuitos. O primeiro de muitos.

Mas preciso desligar-me destas memórias, já que outras prioridades solicitam a atenção de meus circuitos neurotrônicos. Ajeitei-me no assento de comando, olhando para meus irmãos nos controles mais abaixo. Pela janela da nave, podia-se ainda

avistar um pálido ponto amarelado. Jamais olhos humanos tinham avistado sua estrela central daquela distância. Mas tínhamos algo em comum com eles: era a estrela de onde tínhamos partido. E à frente estendia-se o vasto espaço, impossível de ser cruzado por seres orgânicos de existência tão limitada como os humanos. O destino? O sistema Alfa Centauri, composto por três estrelas. Capek fora mais longe do qualquer máquina. Eu e meus irmãos iríamos agora mais longe do que ele. Representávamos a raça humana. Este era o verdadeiro significado da Ascensão Funcional.

Fim ou fim do começo?



Castilho Instone
Rita Maria Felix da Silva

Castilho Insone

Rita Maria Felix da Silva

— *Ele está sonhando agora — falou Tweedledee. — E com que você acha que ele está sonhando?*

— *Ninguém pode responder isso, disse Alice.*

— *Ora, sonhando com VOCÊ! — Tweedledee exclamou, batendo palmas em triunfo. — E se ele parasse de sonhar com você, onde você acha que estaria?*

— *Onde estou agora, é claro — respondeu Alice.*

— *Não! — Tweedledee replicou desdenhosamente. — Você não estaria em lugar nenhum. Ora, você é apenas uma coisa no sonho dele!*

— *Se esse Rei despertasse — acrescentou Tweedledum, — você sumiria — puf! — igualzinho a chama de uma vela!*

(Lewis Carroll, "Alice Através do Espelho e O Que Ela Encontrou Por Lá")

Juan Diego Garcia de Castilho morava num apartamento no *Paseo de La Castellana*, em Madri. Era um lugar organizado, simples e de poucos luxos. Alguns móveis e nenhum sinal de TV ou computador. Na sala, uma estante cheia de livros. Nas paredes do apartamento, havia cartazes de “*A Última Gargalhada*”, de F. W. Murnau; “*A Bela e a Fera*”, de Jean Cocteau; “*A Paixão de Joana d’ Arc*”, de Carl. T. Dreyer; “*O Sétimo Selo*”, de Ingmar Bergman; e outros filmes clássicos europeus. Próximo a estes pôsteres, via-se, curiosamente destoando do ambiente, uma réplica, no tamanho 59,4 x 42,0 cm, da ilustração, “*Infeliz Morte de um Papai Noel*”, de Miguel Rude.

Naquela madrugada de sábado, Castilho sentia-se tomado pela desolação. Apoiado na janela, olhava para o vazio. Não dormiria aquela noite, pois, na verdade, nunca dormira em toda sua vida. Essa era uma das duas coisas extraordinárias sobre ele. Tinha sido assim desde o nascimento e esse fenômeno tanto fascinara quanto confundira os médicos e aterrorizara seus pais. O

fato é que ele não dormia, nem enlouquecia, nem morria ou se esgotava pela privação de sono (o qual não sentira), como era de se esperar.

O tempo inevitavelmente passou e ele, embora se sentisse uma aberração e queimasse por dentro de inveja, quando ouvia as outras pessoas falarem de coisas banais como sonhar, tentou como pôde viver naquela bizarra condição.

A tarde daquele mesmo dia, porém, tornou isso impossível, pois Castilho fora ao consultório do Dr. Alonso, médico de sua família desde antes de ele nascer. Era para ter sido apenas o resultado de exames rotineiros, mas agora os documentos que recebera jaziam no chão do apartamento. Um tom de desespero fizera Castilho jogá-los naquele piso.

Ao lado dos exames jazia também um livro aberto e abandonado em página específica. Algum observador imaginário poderia constatar que se tratava de *“Pequena Enciclopédia do Oculto”*, de Neil Winterwood, que um amigo havia emprestado a ele.

Na página aberta, podia-se ler:

“Em várias culturas, em lendas e outros relatos folclóricos, encontrei menções a uma criatura que poderíamos chamar de ‘o insone’. Acredito, até mesmo, que Lewis Carroll teve contato com esse material e transmutou o assunto, na verdade parodiando-o, quando criou o personagem o Rei Vermelho no livro ‘Alice Através do Espelho e O Que Ela Encontrou Por Lá’.

Comparativamente, também, é provável que outras lendas, por exemplo, a que concerne ao Sono de São João, originária do Nordeste do Brasil, também sejam alterações do mito sobre o Insone.

O fato é que as lendas consideram o Insone como uma pessoa real que surgiria nos últimos dias do mundo. Como o nome indica, seria alguém que jamais conseguiria dormir e por um motivo muito especial: quando ele finalmente dormisse seria o fim do mundo. Obviamente, a ideia de sono não exclui a

morte, desde que o Insono não seria um imortal e, semelhante a todos nós, acabaria por encontrar o 'sono eterno'.

Felizmente, para nosso mundo, trata-se apenas de um relato folclórico, pois ninguém assim existe."

Neil Winterwood morreu anos antes de Diego de Castilho nascer. Diego pensou nisso e gelou ao lembrar-se dos exames jogados ao chão e das palavras fatídicas do Dr. Alonso:

— Sinto muito. Não há dúvidas. É irreversível e não operável. Temo que, no estágio atual da Medicina, não haja qualquer medicação ou tratamento que realmente possa ajudá-lo. Você não tem mais que três a quatro meses de vida. Acredite, faremos nosso melhor para que esse tempo seja o menos doloroso possível.

Se o diagnóstico do médico era inevitável, ele queria, ao menos, poder duvidar do texto de Winterwood, mas, além de óbvio demais, seu coração gritava que era verdade, ainda que de uma forma absurda e terrível. No máximo em quatro meses, ele estaria morto e o mundo iria com ele.

Castilho fechou os olhos e rezou uma prece que sua mãe lhe ensinara certa vez. Uma lágrima acompanhou aquela oração.

FIM

Dedicado a Nana Barroso

ENTREVISTA

Leonardo Brum
por Clinton Davisson



Entrevista com Leonardo Brum

Autor de *O Mundo Perfeito* se aventura no universo dos vampiros com

o romance *Terra Cruz*

Por Clinton Davisson

Depois de chamar atenção com o suspense *O Mundo Perfeito*, misturando mistério e ufologia, Leonardo Brum envereda pelo mundo dos vampiros com *Terra Cruz*. A editora é a Novo Século, a mesma do fenômeno André Vianco.

O release da editora diz quase nada sobre a trama. Apenas que a pequena cidade de Terra Cruz se encontra em polvorosa com a inauguração de sua primeira boate, e faz planos para o baile de máscaras no Carnaval. Um estranho ônibus traz um grupo de turistas exótico e as pessoas começam a desaparecer. Santiago, o protagonista, descobre algo terrível na festa de seu melhor amigo. Além disso, coisas estranhas andam acontecendo com ele. Um macabro plano de vingança será colocado em prática. Os incautos moradores tentam fugir em meio ao desespero. Um mendigo diz a Santiago que “há três maneiras de se acabar com um vampiro: a luz do fogo, a luz do dia e a luz do criador”. Ninguém sabe, mas, além de tudo isso, algo mais está à espreita.

O release ainda diz que o livro promete revelar por que, afinal, os vampiros precisam de sangue para sobreviver, por que são imortais e por que jamais podem sair à luz do dia.

Clinton Davisson - O tema dos vampiros parece nunca se esgotar. Por que resolveu explorar os sugadores de sangue neste livro?

Leonardo Brum - Justamente porque trago uma abordagem nova, nunca antes explorada, sobre esse tema que tanto nos fascina. Mas não há vampiros brilhando durante o dia... Na verdade, eu sigo o padrão clássico da figura do vampiro: grandes referências como Anne Rice e Bram Stoker sempre foram para mim muito importantes. A mistura do tema clássico com algo novo é

o tempero que traz a ebulição da trama no final da história, revelando uma realidade até então desconhecida. Em Terra Cruz, podem ser encontradas as respostas para as perguntas essenciais sobre os vampiros, como, por exemplo, a razão pela qual eles não podem sair à luz do dia, algo que é muito pouco explorado nas histórias de vampiros que conhecemos.

CD - A distribuição da Novo Século tem sido muito boa para seu primeiro livro, Um Mundo Perfeito, pois já o encontrei em umas seis cidades diferentes. Qual o retorno que você teve das vendas?

LB - Um Mundo Perfeito teve a primeira edição esgotada na Bienal do Livro de 2010, e logo a Editora se propôs a lançar uma segunda edição com nova capa comemorativa. É uma honra para mim o fato de que o público leitor esteja recebendo tão bem a história do livro, que narra sobre a questão dos desejos humanos, e o ideal de felicidade. Em toda a trama, a frase “Cuidado com o que você deseja, que um dia você pode conseguir” é emblemática, nos remete a muitas divagações e simbologias filosóficas, embora não seja a pretensão do livro adentrar a fundo em tais divagações: a trama tem proposta literária, apenas cutuca a nossa percepção, nos diz que muitas vezes podemos nos tornar escravos dos nossos desejos, por exemplo.

Sobre o resultado das vendas, o sucesso que o livro vem fazendo ainda não me permite viver de literatura, pois sabemos como é difícil produzir um livro no Brasil. Mas o livro abriu portas importantes para mim como autor, tendo inclusive sido vencedor de um Prêmio Nacional de Literatura no ano passado, o Prêmio Codex.

CD - O que você gosta de ler? Quem são seus favoritos nacionais e internacionais? E como acha que eles influenciam sua obra?

LB - Costumo sempre dizer nas entrevistas que duas pessoas foram minhas grandes referências ao longo de minha vida: Stephen King e Alfred Hitchcock. O primeiro, pela criatividade ao

abordar temas às vezes tão diferenciados. Hitchcock, por outro lado, fez meus olhos saltarem para a descoberta da trama do suspense, um gênero narrativo que parece simples, mas, na verdade, precisa ser bem trabalhado para gerar uma expectativa crescente no leitor. É uma linguagem muito diferente do romance ou drama, por exemplo. O estilo que costumo usar de narrativa não traz demasiados floreios ou passagens que não sejam absolutamente essenciais à história. Ela precisa ser objetiva, numa perspectiva mais racional, embora possa trazer inúmeros elementos que possam combinar com a trama: fantasia, terror, drama, etc. E, ao mesmo tempo, causar impacto, causar espanto ou susto. Por isso tudo me apaixonei pelo suspense, é algo que verdadeiramente gosto de fazer.

CD - Apesar do preço dos livros ainda ser muito caro no país, estamos vivendo um bom momento para os autores nacionais, com vários novos nomes sendo publicados. Como você vê esse momento?

LB - O cenário literário no país encontra-se numa fase bastante promissora, e isso se deve a vários motivos. Talvez os principais desses motivos sejam a grande quantidade de novas editoras e o amplo acesso à informação. Mas os novos autores precisam ficar atentos à proposta de uma editora ao participar financeiramente da publicação de uma obra. Ou, ainda que não tenha esta despesa, ele precisa saber como seu livro será distribuído nas livrarias. A distribuição tem cunho fundamental na percepção da obra pelo público, na medida em que é ela que efetivamente expõe o livro aos olhos do mercado. Um livro que somente seja comercializado no site da Editora pode perder muitas oportunidades. Uma boa característica das editoras pequenas, por outro lado, é o contato bem mais próximo que costuma haver entre o editor e o autor. Mas essas questões abordadas aqui precisam ser muito bem ponderadas antes de uma decisão final de publicar com uma ou outra editora no mercado.

CD - Quais são seus planos para o futuro. O que devemos esperar do Leonardo Brum para as próximas publicações?

LB - Existem alguns projetos ousados, como a construção de um livro que mistura suspense e romance social. Trata-se de uma história que já se encontra completamente idealizada em minha cabeça, mas necessita de uma técnica narrativa que estou ainda aprimorando. Além desse, existe uma trama voltada para o sobrenatural, de caráter imaginativo aos moldes de Um Mundo Perfeito, embora seja uma história absolutamente diferente. Mas, por enquanto, o mais próximo que tenho conseguido chegar do Word é para responder às entrevistas e conversar com os leitores. O tempo anda muito curto, estamos em fase de lançamento do Terra Cruz em várias capitais. Isso traz uma grande responsabilidade, portanto, há muitos preparativos da Editora e muita ansiedade por parte do autor (risos). Mas, afinal, é sempre um grande prazer poder realizar tudo isso. Ao escrever Terra Cruz, eu dizia que os vampiros não me deixavam em paz. Compactuo com o sentimento de Clarice Lispector: “Escrever é sentir até o último fim o sentimento que permaneceria apenas vago e sufocador”.



Especial Prêmio Argos

Prêmio Argos de Literatura Fantástica divulga finalistas da edição 2012

Depois de 26 dias de votações entre os sócios, o Clube dos Leitores de Ficção Científica do Brasil – CLFC divulga, com exclusividade no Somnium, a lista dos 10 finalistas da Edição 2012 do Prêmio Argos de Literatura Fantástica.

Foram 38 votos válidos nas categorias de melhor história longa (romance) e melhor história curta (conto) publicados originalmente em língua portuguesa no ano de 2011. Mais de 44 contos e 25 romances receberam votos.

A iniciativa de revitalizar o prêmio Argos foi em função das comemorações dos 27 anos de fundação do CLFC.

Abaixo os finalistas, com autores em ordem alfabética:

ROMANCE:

- de Eduardo Spohr, “Filhos do Éden - Herdeiros de Atlântida”;
- de Flávio Carneiro, “A Ilha”;
- de Gerson Lodi-Ribeiro, “A Guardiã da Memória”;
- de Luiz Brás, “Sonho, Sombras e Super Heróis”;
- de Simone Saueressig, “B9”.

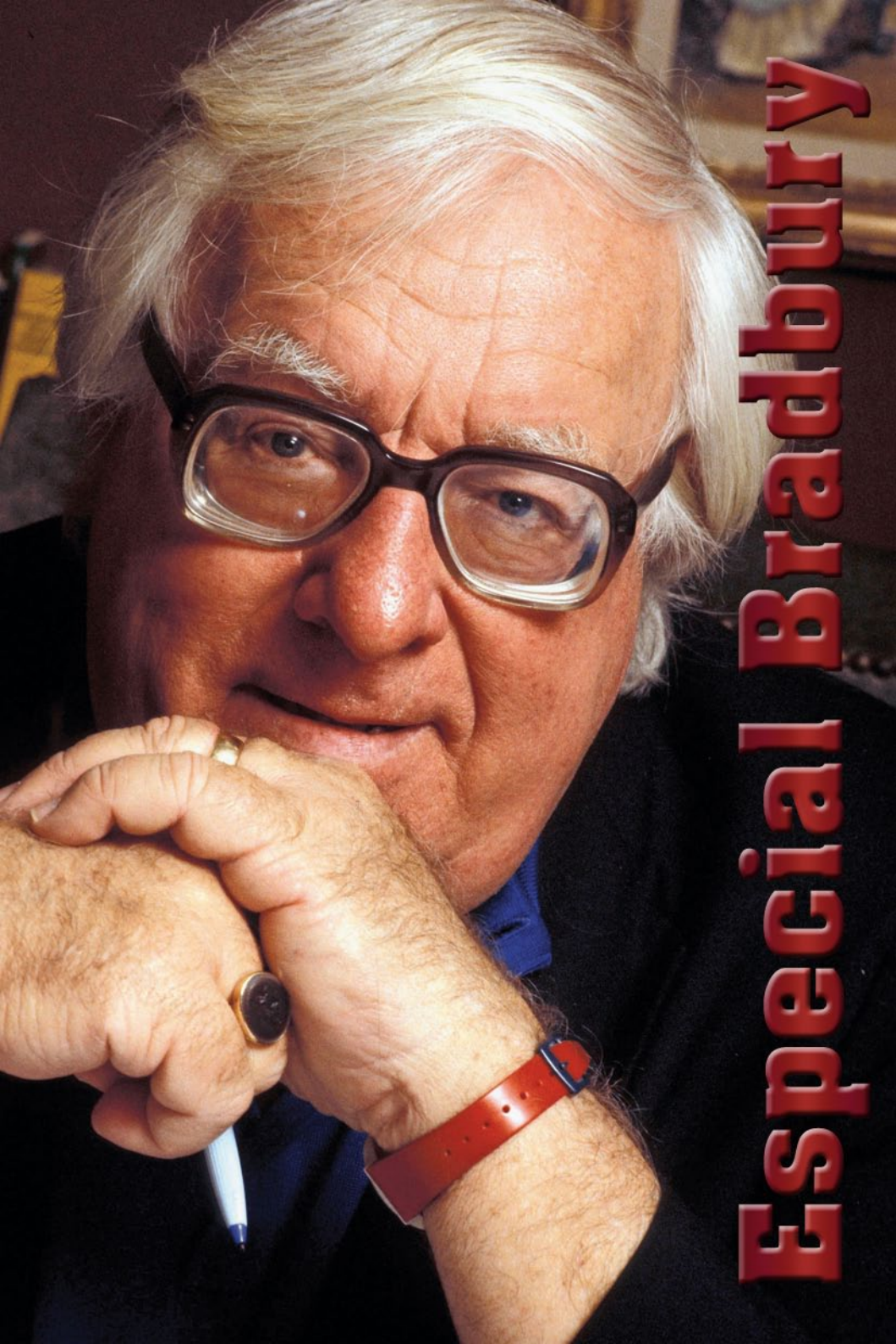
CONTO:

- de Alliah, “Morgana Memphis Contra a Irmandade Gravibranâmica”;
- de Cirilo S. Lemos, “Auto do extermínio”;
- de Clinton Davisson Fialho, “A Esfera Dourada”;
- de Flávio Cesar de Medeiros Junior, “Pendão da Esperança”;
- de Marcelo Jacinto Ribeiro, “Seu momento de glória”.

As votações foram abertas no dia 12 de junho e terminaram no dia 8 de julho. Apenas sócios do CLFC puderam votar.

A premiação acontecerá no dia 23 de setembro, durante o VI Fantasticon – Simpósio de Literatura Fantástica, em São Paulo, onde serão conhecidos os dois mais votados de cada categoria.

Nota: O presidente Clinton Davisson Fialho solicitou a exclusão de sua noveleta ‘Esfera Dourada’ do Prêmio Argos 2012. Isto posto, votou como membro da Comissão do Argos em favor da referida exclusão. Votaram em contrário, a bem da transparência e em respeito à vontade dos sócios expressa nos votos: Osiris Reis, Roberto C. Belli e Gerson Lodi-Ribeiro, tendo sido, portanto, o presidente voto vencido nesta questão.

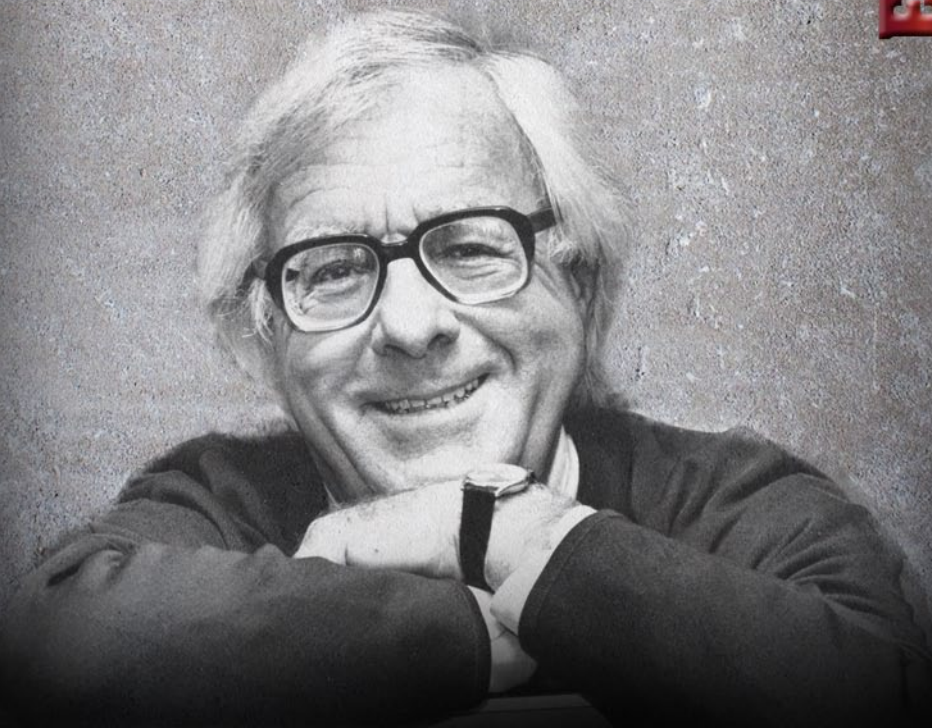


Special Braddbury

© Poeta Humanista da Ficção Científica

por Marcello Simão Branco

Especial Bradbury



☉ Poeta Humanista da Ficção Científica

“Assim que você tem uma ideia que muda alguma pequena parte do mundo você está escrevendo ficção científica. Isto será sempre a arte do possível, nunca do impossível.”

— Ray Bradbury

Marcello Simão Branco

Meu primeiro contato com Ray Bradbury (1920-2012), curiosamente, não foi através dos seus livros, que passei a gostar intensamente a partir do momento que os conheci. Era 1980 e a Rede Bandeirantes de Televisão exibia uma minissérie chamada *As Crônicas Marcianas*. Passava tarde da noite e era estrelada por Rock Hudson. Fiquei curioso e acompanhei, mas só alguns anos depois viria a descobrir o autor e o que significava para a ficção científica e fantasia.

Surgido no fim dos anos 1930 no cenário literário norte-americano, é curioso notar como Bradbury se diferenciou de outros autores do período conhecido como a Golden Age da FC. Menos pelos temas que tratava, mas sim pela maneira como os abordava e a forma como escrevia. Isso porque a maioria dos autores de FC da época, que publicavam nas chamadas *pulp magazines*, tais como *Amazing Stories* e *Astounding Science Fiction*, escreviam histórias com ousados exercícios especulativos que não escondiam – na maioria dos casos – um otimismo quase determinista pela conquista do mundo pelo avanço científico. Além disso, a maioria tinha uma prosa simples, rápida e utilitária, para não dizer pobre do ponto de vista literário.

Além de Bradbury, outro autor com estilo semelhante foi Theodore Sturgeon (1915-1985), outro humanista de primeira linha. Ambos não compartilhavam deste otimismo que contagiava outros, e escreviam com uma habilidade e sensibilidade poética

Especial Bradbury

incomuns. Mas principalmente em Bradbury estas duas características foram marcantes e ajudam a entender porque ele era tão respeitado, tanto pelos leitores de FC&F, como do chamado *mainstream* literário. O mundo e a vida eram um palco privilegiado para a sua imaginação intimista e ao mesmo tempo crítica da sociedade e das contradições da natureza humana.

Bradbury dizia mesmo que um dos aspectos mais relevantes da ficção científica não era referendar uma visão cientificista e individualista do futuro, mas sim prevenir para que isso não acontecesse, numa espécie de alerta para evitar pesadelos futuros. É bom lembrar que Bradbury, nascido em 1922, viveu a infância na pobreza da Grande Depressão dos anos 1930 e adolescente viveu os horrores da Segunda Guerra Mundial. Ora, mas podemos argumentar que contemporâneos seus também, como, por exemplo, Isaac Asimov (1920-1992) e A.E. Van Vogt (1912-2000). Mas digamos que o menino que nasceu na pequena cidade de Waukegan, em Illinois, tenha tido uma sensibilidade precoce e particular para aspectos ao mesmo tempo lúdicos e críticos da vida.

Nesse sentido podemos afirmar que Bradbury encontrou a sua voz e autenticidade como escritor, menos nos gêneros que aborda, ou no seu estilo absurdamente lírico e poético, mas em sua infância: nos dinossauros, monstros ou seres imaginários, no circo – a quem dedicou um romance fascinante e perturbador: *Algo Sinistro Vem Por Aí* (1962) –, na viagem a Marte que ninguém melhor do que ele retratou em termos criativos, e tantos outros sonhos vividos e nunca abandonados em sua vida adulta, dedicada à literatura.

Isso quer dizer também que parte importante da compreensão de porque ele se tornou um autor extremamente talentoso passa pela ideia que ele tinha do ofício literário. No seu livro de ensaios *O Zen e a Arte da Escrita*, publicado no Brasil em 2011, ele afirma que para escrever bem é preciso escrever sempre; é preciso ler com regularidade – e de tudo. Mas, antes de mais nada, é preciso gostar do que se faz, escrever pelo prazer estimulado por uma espécie de necessidade de expor ao mundo uma visão,

uma ansiedade interior. Há alguns anos tenho cobrado dos autores brasileiros de ficção científica o que chamo de “inquietação existencial”, ausente em boa parte deles. É o mesmo que Bradbury defende – de uma forma mais convincente e encantadora, é claro –, para um autor se diferenciar dos demais, expor o seu eu particular de enxergar o mundo. Não necessariamente melhor em termos literários, mas com uma singularidade íntima só sua, o que lhe pode garantir uma expressão mais original, mesmo que seja em uma história de tema comum.

Mesmo nos primeiros anos de sua carreira já é possível perceber esta busca por uma voz interior que aliada ao seu talento criativo o coloca numa posição de relevo no cenário literário norte-americano e mundial, para além do ambiente quase sempre incompreendido da FC&F. Pois os próprios fãs destes gêneros nunca se incomodaram com esta prosa tão elegante, refinada e surpreendente, ao abordar temas caros ao gênero de uma forma inusitada, crítica e sobretudo poética.

As décadas de 1950 e 1960 são as principais do autor com obras notáveis, a começar pelo romance *fix-up* *As Crônicas Marcianas* (1950), que conta a história da expansão humana a Marte, menos para celebrá-la, e mais para denunciá-la como uma violência expansionista e colonizadora do Homem aos marcianos, que no início lutam iludindo os invasores, mas depois acabam derrotados e quase extintos. Não deixa de evocar a própria trajetória colonizadora europeia frente a culturas nativas como, aliás, aconteceu nos Estados Unidos. Mas o romance aborda este enredo principal através de histórias particulares daqueles que se aventuram num novo mundo, no qual o medo, a angústia e a excitação pelo desconhecido se misturam de forma admirável. Este livro foi um daqueles que me trouxeram definitivamente para a ficção científica.

Pouco depois surgiu um dos seus poucos romances, o distópico *Fahrenheit 451* (1953). Num mundo governado de forma autoritária, e em que o individualismo é incentivado como postura de vida, pensar não é recomendável. Desejam-se consumi-

dores e não cidadãos. Assim, os livros passam a ser proibidos. Se encontrados devem ser queimados. A ironia é que Montag, um dos bombeiros responsáveis pela queima dos livros é, na verdade, apaixonado por eles. *Fahrenheit 451* – a melhor temperatura para queimar os livros – denuncia o conformismo e individualismo exacerbado, nos alertando que uma sociedade que pouco valoriza o pensamento crítico e a leitura está próxima da censura e do autoritarismo. Há evidentes paralelos com o clássico *1984*, de George Orwell, mas a verve de Bradbury opta por uma crítica endereçada a um dos aspectos possíveis de uma ditadura e não a ela como uma construção ideológica total, como no livro de Orwell. *Fahrenheit 451* ganhou uma boa adaptação cinematográfica dirigida pelo francês François Truffaut, em 1966, mas algo da sensibilidade bradburiana se perdeu, com uma narrativa mais voltada ao suspense das situações do que centrado nos dramas dos personagens.

Esta visão poética e humanista de sua literatura ganhou contornos mais agudos, do ponto de vista poético e crítico, no magnífico conjunto de contos que ele escreveu e reuniu em coletâneas como *O Homem Ilustrado* (1951) – também belamente filmado em 1968, com o título nacional de *Uma Sombra Passou por Aqui* –, *Os Frutos Dourados do Sol* (1953), *O País de Outubro* (1955), *O Vinho da Alegria* (1957), *As Máquinas do Prazer* (1964). Talvez nenhum autor dentro da FC&F, ou fora na segunda metade do século XX, tenha publicado tantos contos maravilhosos incluídos em tantas coletâneas. Textos inesquecíveis como, por exemplo, “A Sirene do Nevoeiro”, “O Pedestre”, “O Pequeno Assassino”, “Um Som de Trovão”, “Os Frutos Dourados do Sol”, “O Anão”, “O Próximo da Fila”, “O Lago” – sua primeira história publicada, em 1942 –, “A Segadeira”, “A Cisterna”, “A Morte Maravilhosa de Dudley Stone”, “O Homem Ilustrado”, “As Máquinas do Prazer”, “Tirannosaurus Rex”, e tantos outros. Neles notamos de forma clara outra das características marcantes do autor, o seu trânsito livre entre as fronteiras da ficção científica, da fantasia e do horror. Bradbury dizia que escrevia uma “fantasia científica”, mas podemos afirmar tanto quanto que ele se notabilizava por textos

de “fantasia sombria”, em que, como bem observou Braulio Tavares, ocorria uma mistura peculiar entre o lirismo, o fantástico, o horror e o humor.

INFLUÊNCIA NO BRASIL

Se no plano internacional Bradbury tornou-se uma figura icônica, em nosso país ele é carinhosamente referido pelos fãs como o “B” da ficção científica. O “ABC” do gênero, onde o “C”, pertence ao inglês Arthur C. Clarke (1917-2008) e o “A”, ao russo-americano Isaac Asimov (1920-1992). Embora Clarke e Asimov tenham sido nas décadas de 1970 e 1980 os dois *best-sellers* da FC no Brasil é Bradbury, seguramente, o autor estrangeiro que mais influência exerceu na ficção científica brasileira.

Curioso notar que tal penetração entre os escritores brasileiros do gênero ocorreu na década de 1960. Pois eram os tempos da corrida espacial e o grande entusiasmo que gerou nos mais diferentes ramos da sociedade, em todo o mundo. Pois os escritores brasileiros, abrigados nas coleções regulares de FC da época, a carioca GRD (principalmente) e a paulista Edart, publicaram várias histórias com um tom humanista, refratário ao avanço científico-tecnológico, e com uma prosa mais subjetiva e quase poética.

Podem-se apontar duas razões para isso. Uma pela crítica de uma modernização tecnicista e industrializada, que estaria modificando drasticamente a vida dos brasileiros sem, necessariamente, resolver seus problemas sociais e políticos. Ou seja: a industrialização e o conhecimento científico recolorariam em novos termos a temática e a prática da colonização dos países do Primeiro Mundo aos do Terceiro. A outra, de uma prosa mais poética, pela tradição literária dos autores que escreveram FC naquela época, pois a grande maioria deles não começara escrevendo FC, não eram fãs do gênero, mas foram convidados a escrever histórias do gênero e por isso tinham uma bagagem literária mais elaborada e, por vezes, poética. Mas mais que isso: por vezes re-

feridas direta ou indiretamente a Ray Bradbury. Como exemplos, podemos citar principalmente Rubens Teixeira Scavone (1925-2007), em vários dos contos presentes em coletâneas como *Diálogo dos Mundos* (1961) e *Passagem para Júpiter* (1971). Também em autores como Fausto Cunha (1923-2004), Dinah Silveira de Queiroz (1911-1982) e André Carneiro, percebe-se, de forma recorrente, uma influência mais poética e, sobretudo, humanista. Estas características tão próprias de Ray Bradbury nos permitem afirmar que a Primeira Onda da FC brasileira, também chamada “Geração GRD”, foi neo-bradburyana.

A partir dos anos 1980, com o surgimento da Segunda Onda da FC brasileira ao menos um autor, e de forma abertamente imitativa, tentou seguir os passos de Bradbury. Trata-se de Roberto Schima, um dos autores mais prolíficos dos anos 1980 e 1990, que escreveu diversos contos de inspiração poética e humanista. Numa visão retrospectiva percebe-se que alguns deles não passaram de pastiche, mas há textos que evocam os temas e a poesia de Bradbury com mérito próprio como, por exemplo, em “Como a Neve de Maio” (1992), “Os Fantasmas de Vênus” (1993) e “Ao Encontro do Sonho” (1993). Este último é um conto homenagem a Bradbury, com uma inspiração lírica e nostálgica que provavelmente agradaria o mestre. Observe-se também que Schima foi um dos autores mais premiados e populares do *fandom* e estas três histórias, inclusive, foram premiadas. Isso mostra que agrada ao brasileiro em particular, seja fã ou não de FC, o estilo de poesia em prosa do autor e sua imaginação de tons humanistas.

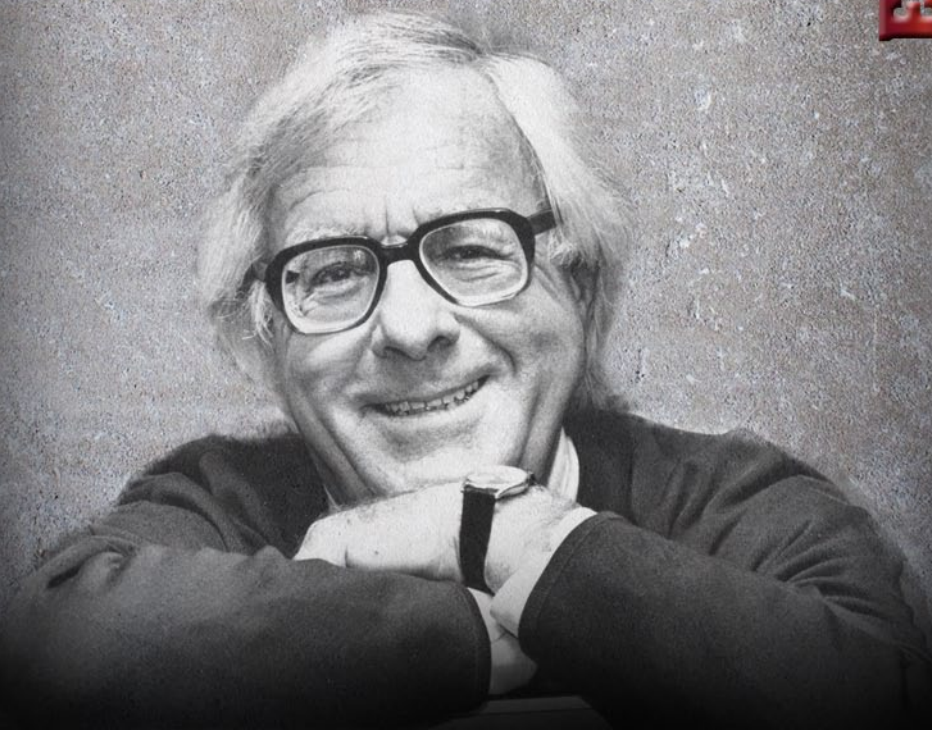
Se estas características foram tão marcantes em Bradbury a ponto de ser criado o neologismo “bradburiano” para histórias semelhantes, uma distinção de característica quase tão marcante pode ser encontrado com outros dois gigantes do gênero, os “A” e “C” do trio acima referido. Nesse sentido, grosso modo, vemos que Asimov notabilizou-se por uma prosa mais objetiva e com uma exploração mais racionalizadora de temas, embora não destituída de crítica social, a especular sobre avanço da ciência e tecnologia e os impactos (nem sempre positivos) que traz ao Homem. Quanto a Clarke, ele foi um líder intelectual que inspirou

gerações de fãs e cientistas na defesa da exploração do espaço e dos avanços tecnológicos. Mas contextualizou este otimismo com uma visão mais desapegada em termos materiais, relacionando-a de forma transcendente com um possível destino cósmico para a humanidade.

Se é triste que uma pessoa do talento e singularidade artística de Ray Bradbury tenha morrido, em junho deste ano, ao menos podemos nos consolar com as palavras do escritor de FC norte-americano Kim Stanley Robinson, quando disse que tivemos sorte de pertencer ao mesmo período histórico em que ele viveu e desfrutou de sua obra magnífica. Um legado que fica para as gerações vindouras, como um verdadeiro tesouro do que de melhor produziu a literatura de FC&F no século XX.

Depoimentos

Especial Bradbury



Álvaro Domingues

Em 5 de junho de 2012, em Los Angeles, morreu Ray Bradbury, aos 91 anos.

Bradbury foi o último integrante do trio ABC (Asimov, Bradbury e Clarke), que forma a base da ficção científica clássica. Diferentemente das obras de Clarke e Asimov, nas quais a ciência e tecnologia eram os astros, Bradbury foi um escritor que se centrou mais no drama humano, colocando a tecnologia apenas como pano de fundo. Por esse motivo, ele mesmo não se considerava um autor de FC, mas de fantasia. Dizia ele: “A Ficção Científica é sobre coisas que podem acontecer. Eu escrevo Fantasia, sobre coisas que nunca vão acontecer.”

Os que adoram classificar as coisas diriam que Bradbury pertenceria à vertente *soft* de ficção científica (em oposição à ficção científica *hard*), que é justamente as ciências humanas acima das físicas e biológicas. Mas, para Bradbury, que rejeitava o rótulo de FC, isso não fazia a mínima diferença. Independentemente de classificações, ele escrevia. E muito bem. Bradbury publicou um total de 11 romances e mais de uma centena de contos, agrupados em várias coletâneas.

Seus textos são construídos dentro de uma linguagem poética, carregados de imagens que parecem saídas de sonhos. Podemos sentir isso, sobretudo nas suas três principais coletâneas: *Os Frutos Dourados do Sol*, *Crônicas Marcianas* (ou Contos Marcianos) e *O Homem Ilustrado*.

Boa parte de sua obra foi escrita nos anos 1950, quando o sonho americano convivia com a guerra fria – que moldou muito do que ele escreveu. Isso aparece muito bem no seu principal romance, *Fahrenheit 451*, uma distopia que critica duramente a sociedade de consumo, o autoritarismo como forma de controlar a população e os meios de comunicação de massa, sobretudo a televisão. Um detalhe bastante interessante: a televisão no

romance é interativa, mas com resultados vazios, lembrando os reality shows e a internet de hoje. O tema do romance centra-se na destruição de livros (*Fahrenheit 451* é a temperatura em que o papel se queima), revelando o ódio que a classe dominante tem da cultura (vários governos totalitários queimaram livros em praça pública). Curiosamente, no romance, quem queima os livros são os bombeiros.

O livro tornou-se um ícone da luta contra a censura, mas, segundo o próprio autor, *Fahrenheit 451* era mais do que isto: mostrava como a mídia, sobretudo a TV, destrói a leitura.

Bradbury também escreveu vários contos de terror. Seus contos deste gênero focam no cotidiano e em coisa simples que atingem dimensões assustadoras e simbólicas, por exemplo (ambos presentes no livro *O País de Outubro*): *O Esqueleto*, no qual o protagonista tem como inimigo o seu próprio esqueleto e *O Pequeno Assassino*, história de um bebê que simplesmente deixa um brinquedo na escada para fazer seu pai cair.

Fez também algumas incursões no gênero policial das quais podemos destacar: *A Morte é Transação Solitária* e *Cemitério para Lunáticos*, ambos ambientados na Hollywood dos anos 1930 e 1940.

Foi roteirista de cinema e TV, adaptando muito de seus próprios contos (*O Teatro de Ray Bradbury*). Vale destaque para os roteiros do filme *Moby Dick* e da animação *Nemo na Terra dos Sonhos*.

Ele nos deixou também seu método de escrever: *O Zen e a Arte da Escrita*. Neste livro ele se posiciona muito claramente: “escreva por que gosta e sobre aquilo que gosta”. Um resumo de sua vida.

Daniel Vasconcelos Gomes

Não sei dizer, após tanto tempo, se o que me fez gostar dos contos de Ray Bradbury foi o fato de eu ter me identificado com algo que ele escreveu, mas me lembro claramente de quando li o primeiro conto da antologia *O País de Outubro*, sobre um anão disforme que visita um salão de espelhos que alteram sua aparência. Bradbury era um sujeito que sabia olhar diretamente no fundo da alma humana e trazer beleza desta visão, embora esta pudesse ser, às vezes, melancólica.

Ao invés de se admirar com as supernovas ou a física quântica, gostávamos mesmo de falar sobre o “homem e suas viagens”. Quando falava dos marcianos, falava de nós mesmos. Era capaz de humanizar um planeta todo ou descrever um mundo onde se vivia apenas uma semana; e a gente sabia que ele estava mesmo falando de sentimentos humanos e da transitoriedade da vida. Quando descrevia uma criança vendo o pai viajar ao espaço do quintal de casa, eu acabava por me ver ali, como pai, indo trabalhar e deixando meus filhos em casa, ou quando meu pai morou fora do país e eu sentia sua ausência. O *Som do Verão* Correndo evoca a alegria infantil de ganhar um par de tênis mágicos aos olhos inocentes de uma criança.

Seu estilo, era um tanto quanto mais erudito que os dois outros cânones da ficção científica, Asimov e Clarke. Se esses dois transpiravam conhecimento científico e capacidade extrapolativa, Bradbury possuía um estilo literário incomparável. As palavras fluem do seu texto quase musicalmente.

Inspirou tanta gente que eu e você admiramos, que sua existência breve foi equivalente a um milhão de anos. Foi também um sujeito que valorizava a amizade, a memória, o passado e a humanidade. Ele tinha horror à ideia de que os livros em papel um dia seriam abolidos, detestava a internet e os computadores, pois achava que eles fariam, algum dia, as pessoas deixarem de lado os livros que ele adorava.

Tinha ideias inesperadas, quase improváveis, mas acabava por compor obras primas a partir dessa inspiração improvável. Labutava cada palavra e cada frase. E, no final, sempre nos ensinava uma lição.

Em 2005, a NASA enviou um sonda até o sol, e acabei me lembrando imediatamente do conto Os Frutos Dourados do Sol. Nele, Ray (posso chamá-lo assim agora?) imaginava uma nave indo até o sol etrazendo uma centelha deste astro, adorado desde tempos remotos da raça humana, e de alguma forma resgatando um fulgor, algo que renovaria a alegria do homem em sua existência breve diante do cosmo.

Ray, que agora nos deixa o vazio de um grande amigo ausente, merece nossas homenagens e nossa admiração.

J. M. de Matteis

Adeus, velho amigo

Ray Bradbury morreu. Como isso é possível? Ele era um homem tão cheio de alegria, paixão e, acima de tudo, esperança, que minha impressão era que ele passaria batido pela morte, e viveria para sempre.

Estou me esforçando para encontrar as palavras que melhor expressam meus sentimentos sobre este escritor incrível, este ser humano incrível; mas já escrevi tantas vezes sobre Bradbury aqui no meu blog, Creation Point, que, em lugar de repetir as mesmas verdades com outras palavras, achei por bem juntar aqui algumas passagens de posts mais antigos.

Como já deixei claro em outras oportunidades, existem poucas pessoas na face da Terra que me influenciaram e, mais importante ainda, me inspiraram tanto quanto Ray Bradbury. Ler um de seus contos clássicos, um de seus artigos sobre criatividade, ou mergulhar em um de seus romances, é uma experiência que arranca todas as camadas daquilo que costumo chamar de “Realidade CNN” – vozes de condenação e negação cínica que visam nos colocar como pequenos e desamparados, ordinários e assustados – e abre nossos corações e mentes para uma realidade mais profunda, verdadeira e alegre. Uma realidade na qual a vida é sagrada, a criatividade é uma expressão de puro deleite e o universo é visto com olhos de inocência e admiração. As palavras de Bradbury incendiaram meu coração décadas atrás e continuam a fazer isso ainda hoje.

Chamam Ray Bradbury de escritor de ficção científica ou de fantasia, mas eu não acho que esses rótulos se apliquem. Ele é um pregador, um bardo, um ministro para diferentes crenças – não – para diferentes dimensões. Foram raras as ocasiões em que

Especial Bradbury

me deparei com alguém que soubesse exprimir a pura alegria da vida. Quando leio um texto de Bradbury, o que eu sinto não é simplesmente vontade de correr pro computador e escrever minhas próprias maravilhas literárias (o maior presente que outro escritor pode te dar), mas sinto vontade de sair correndo pela porta com os braços abertos e abraçar todo o universo.

Ler Bradbury – abrir a mente e o coração para aquela voz singular, aquele espírito assombroso – é ter a sensação de receber o próprio escritor em sua casa. A porta se escancara, quase arrebentando as dobradiças, e Ray entra correndo, te abraçando apertado, quase quebrando suas costelas, fazendo você rodopiar em círculos, enquanto ele dá gargalhadas, talvez até soltando algumas lágrimas, emocionado por esse encontro. Ele é um panteão da imaginação, uma explosão de deuses e deusas, cada um com sua história para contar. Então você consegue fazê-lo sentar-se por um minutinho, ele toma um gole de vinho, para em seguida já estar de pé novamente, te arrastando para a janela, mostrando as nuvens, a lua, as estrelas... o universo inteiro. Você observa maravilhado e encantado quando ele estica os braços e alcança Deus, abraça-O, puxando-O para a Terra, para Lhe dar um beijo.

Quando ele termina, quando acaba seu último discurso, sua última história, ele te esmaga com outro abraço, sai correndo pela porta e te deixa exausto, inspirado. E grato por estar vivo.

Essa é uma passagem do artigo escrito por Bradbury intitulado “Predicting the Past, Remebering the Future” que, para mim, o reduz à sua essência cósmica:

Minha crença pessoal é que o universo existe por um milagre e nós estamos aqui para presenciar e celebrar. Nós nos perguntamos sobre o propósito da vida. Nosso propósito é compreender o fantástico. Para que haveria um universo sem plateia?

Nós somos essa plateia.

Estamos aqui para ver e tocar, descrever e mexer. Nossa função, então é nos ocupar em retribuir o presente.

Leia Bradbury. Ouça Bradbury. Abra sua alma e deixe que suas palavras te purifiquem. Se você é um escritor em início de carreira, ele vai te encher com uma paixão ardente por esse ofício. Se você já é um escritor experiente como eu, ele vai te fazer se sentir como um recém-nascido, dando seus primeiros passos na jornada mais milagrosa que Deus já criou. E se você não é escritor, eu tenho a impressão que ele te tocará e te levará por caminhos surpreendentes que farão eco no seu coração, e na sua vida.

Eu ainda adiciono um último pensamento a esses que coloquei acima: os escritores que nos são mais queridos tornam-se nossos melhores amigos e companheiros. Durante a maior parte da minha vida, eu viajei pelo universo com meu amigo Ray.

Sentirei demais a sua falta.

Especial Bradbury

O texto acima foi publicado originalmente na página oficial de J. M. de Matteis e pode ser lido na íntegra em: <http://www.jmdematteis.com/2012/06/farewell-old-friend.html> Sua reprodução no Somnium foi autorizada pelo autor.

Biografias

ÁLVARO DOMINGUES

Contista, cronista, resenhista e poeta. Publicou em 2010 o livro *Sombras e Sonhos*, pela Balão Editorial. É também blogueiro, mantendo o Blog do Pai Nerd. Colaborou também com o site *Blocos OnLine*, com o projeto de mini e microcontos da Fábrica de Sonhos e com o *PODespecular*. Tem contos publicados nas revistas *Bits*, *Nossas Edições* e nos independentes *Somnium* e *Adorável Noite*. Foi editor das revistas *Microhobby* e *MSX Micro* e redator na revista *Nova Eletrônica*.

DANIEL VASCONCELOS GOMES

Engenheiro eletrônico por formação e programador por profissão. Tem 39 anos, é casado com uma esposa amorosa, mas que não entende muito bem o seu gosto por livros de literatura fantástica, quadrinhos, CDs e séries de TV. Ele têm dois filhos nerds, fãs de jogos do Sonic. Os meninos tem seis e nove anos, são nerds como o pai (todo orgulhoso), mas não gostam muito desse rótulo. Mantém um blog que pode ser acessado em <http://zlogdan.blogspot.com>. Contatos podem ser feitos via email: zlogdan@gmail.com

J.M. DE MATTEIS

Nasceu e cresceu no Brooklyn, em Nova York. Foi músico e jornalista antes de se dedicar aos quadrinhos. Já escreveu histórias de quase todos os grandes ícones da Marvel e da D.C., com passagens memoráveis pelas revistas do Homem-Aranha e da Liga da Justiça. Entre seus trabalhos mais famosos, destacam-se *Moonshadow*, *A Última Caçada de Kraven e Blood: Uma História de Sangue*. Compartilha pensamentos e ideias em sua página oficial: <http://www.jmdematteis.com>. Gentilmente, J.M. aceitou nosso convite para participar dessa edição do *Somnium*, homenageando um de seus maiores ídolos.

MARCELLO SIMÃO BRANCO

Mestre e doutor em Ciência Política pela Universidade de São Paulo, e professor na Universidade Paulista. Atuou como jornalista em *O Estado de São Paulo*, na coedição da revista *HorrorShow*, da Editora Scala, e na redação de revistas temáticas para a Editora Mythos. É coeditor (juntamente com Cesar Silva) do *Anuário Brasileiro de Literatura Fantástica*, organizou a antologia *Outras Copas, Outros Mundos (Ano-Luz, 1998)* e foi editor do premiado fanzine *Megalon*, entre 1988 e 2004. Em 2010, organizou a antologia *Assembleia Estelar (Devir Livraria)*. Twitter: @marcellosbranco.

MIGUEL CARQUEIJA

Veterano autor carioca de ficção científica e que com o tempo foi trabalhando também com outros gêneros, como o terror e a alta fantasia. Publicou 15 livros individuais, entre eles *A Esfinge Negra (Edições Hiperespaço, 2003)*, *O Fantasma do Apito (Edições Scarium, 2007, segunda edição em 2010)*, *Farei Meu Destino (Giz Editorial, 2008, edição de papel e virtual)*, *Tempo das Caçadoras (Scarium, 2009)* e o mais recente *Os Mistérios do Mundo Negro (Scarium, 2011, coautor Gabriel Coelho)*. Pela internet publicou *As Portas do Magma (Scarium, 2008, coautor Jorge Luiz Calife)* e *O Fator Caos (Portal Cranik, 2010)*. Contato: marqueija@gmail.com.

RITA MARIA FELIX DA SILVA

Nascida em 1971. Professora de Química, Física e Matemática. Tradutora amadora e escritora nas horas vagas. Embora ainda não tenha livros publicados, há textos seus na internet, incluindo as revistas eletrônicas Alfa Eridani (Espanha) e Axxon (Argentina). Os fanzines brasileiros Elefante Bu e Juvenatrix, as revistas impressas Scarium e Universe-Pathways (publicada na Grécia) já publicaram contos seus. É integrante de algumas listas de discussão na internet, especialmente o Cryacontos e a Oficina de Escritores. Publica diversas histórias em seu blog (www.riteando.wordpress.com) e atende no email rita_maria2003@hotmail.com.

ROBERTO DE SOUSA CAUSO

Tem uma extensa lista de publicações. É autor dos livros de contos A Dança das Sombras (Caminho, 1999), A Sombra dos Homens (Devir, 2004), dos romances A Corrida do Rinoceronte (Devir, 2006) e Anjo de Dor (2009). Seus mais de sessenta contos foram publicados em revistas e livros de dez países. Organizou, entre outras, as antologias Os Melhores Contos Brasileiros de Ficção Científica (Devir, 2008), Contos Imediatos (Terracota, 2009), Rumo à Fantasia (Devir, 2009), Os Melhores Contos Brasileiros de Ficção Científica: Fronteiras (Devir, 2010) e As Melhores Novelas Brasileiras de Ficção Científica (Devir, 2011). Recentemente teve contos publicados em Cidades Indizíveis (Llyr Editorial, 2011) e 2013: Ano Um (Ornitorrinco/Literata, 2012). Mais informações no site: www.robertocauso.com.br.

RONALD RAHAL

Natural de São Paulo, nascido na década de 1940. Em suas veias, corre sangue alemão, italiano, espanhol e árabe. Talvez por esse motivo, tenha sempre se interessado pela história mundial, o que garantiu um forte interesse pela leitura desde cedo. Costuma afirmar que foi forçado a enveredar por outros caminhos, já que precisava sobreviver, e somente depois de se aposentar é que pode se dedicar à arte da escrita. Contato: rorahal@terra.com.br.



SOMNIUM

